

## A GRAÇA DE CRISTO RESTAURA A GRAÇA HUMANA ROMPIDA PELO PECADO ORIGINAL

### THE GRACE OF CHRIST RESTORES HUMAN GRACE BROKEN BY ORIGINAL SIN

Jacson Alexssandro Guerra<sup>1</sup>

#### Resumo

Trabalhar o dogma do Pecado Original é retomar as fontes da fé cristã católica. Utilizaremos duas passagens bíblicas: Gn 2, 4b-19, Rm 5,12-20 e Santo Agostinho. Em sua obra *A Graça I*, faz um tratado da Graça e do Pecado Original para contrapor a teologia de Pelágio. Nós preferimos nos deter às duas perícopes bíblicas acima referida, pois são necessárias para compreender como ocorreu a transgressão feita pelo primeiro casal da história da criação, a saber, Adão e Eva. Eles foram seduzidos pela astúcia da serpente, assim, foram contra o único mandamento que Deus lhes havia dado: não comer do fruto da árvore que se encontra no centro do Éden, o paraíso. Porém, infringiram-no, foram expulsos do jardim do Éden e receberam duras penas de Deus, sendo a maior delas a morte. São Paulo faz um paralelo entre Jesus Cristo e Adão. Pelo primeiro homem o pecado entrou no mundo, e em Cristo, o novo Adão, o mundo foi salvo do pecado cometido por Adão. Santo Agostinho foi o grande teólogo na formulação da teologia do Pecado Original, combateu a heresia pelagianista. Pela transgressão cometida por Adão os homens se encontravam em pecado, e pela graça do novo Adão os homens serão salvos.

**Palavras-chave:** pecado original, Adão, Eva, Jesus Cristo e Santo Agostinho.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás-IFITEG, especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior e concluinte do curso Bacharelado em Teologia pelo Instituto de Filosofia de Goiás-IFITEG.

### Abstract

To work on the dogma of Original Sin is to return to the sources of the Catholic Christian faith. We will use two biblical passages: Gn 2, 4b-19, Rm 5,12-20 and Saint Augustine. In his work *A Graça I*, he makes a treatise on Grace and Original Sin to counter Pelagius' theology. We prefer to stop at the two biblical pericopes mentioned above, as they are necessary to understand how the transgression made by the first couple in the history of creation, namely Adam and Eve, occurred. They were seduced by the serpent's cunning, thus, they were against the only commandment that God had given them: not to eat the fruit of the tree that is in the center of Eden, paradise. However, they violated it, were expelled from the garden of Eden and received harsh penalties from God, the greatest of which was death. São Paulo draws a parallel between Jesus Christ and Adam. Through the first man sin entered the world, and in Christ, the new Adam, the world was saved from the sin committed by Adam. Saint Augustine was the great theologian in the formulation of the theology of Original Sin, he fought Pelagianist heresy. By the transgression committed by Adam, men were in sin, and by the grace of the new Adam, men will be saved.

**Keywords:** original sin, Adam, Eve, Jesus Christ and Saint Augustine.

## 1 Relato da transgressão do homem em Gênesis e em São Paulo

Para discutir o pecado original, utilizaremos duas fontes bíblicas, especificamente em Gn 2,4b-19 e São Paulo Rm 5,12-20. O Apóstolo retoma, faz um paralelo entre Adão e Jesus Cristo. Adão, o primeiro homem pelo qual o pecado entrou no mundo; e Jesus Cristo, por ele a graça foi restabelecida.

### 1.1 DESCRIÇÃO DA TRANSGRESSÃO EM GÊNESIS 2, 4B-19

No início do livro do Gênesis é abordada a criação do mundo, a separação entre a terra e as águas, o dia e a noite, os animais; e, por último, Deus criou o homem do pó e a mulher da costela do homem, chamando o homem de Adão e a mulher de Eva. (cf. Gn 1, 1-31; 2, 1-3). Há dois relatos da criação contidos no livro do Gênesis, a criação a partir da visão Sacerdotal (Gn 1, 1-2,4a) e o segundo relato a partir da visão Javista (Gn 2,4b-5,32).

O livro do Gênesis começa relatando a criação pelo autor sacerdotal, altamente estruturado e semelhante a um hino. [...] O relato sacerdotal da criação é reflexão teológica sobre o mundo que o autor conhece. É um mundo no qual Deus é visto como Ser poderoso capaz de criar simplesmente pronunciando uma palavra. Deus é visto como estando fora do universo que cria. A divindade transcende a ordem criada. A humanidade é vista como o ponto alto da criação (2014, p. 57 e 59).

Na versão Javista, o relato da criação é mais antigo do que o narrado pela Sacerdotal. Sua forma de escrita é mais popular, não possui uma repetição nem uma estrutura que foi cuidadosamente delineada, diferindo da Sacerdotal que é bem estruturada e segue uma delimitação sistemática. Na versão Javista, o “centro dessa narrativa não é a criação do mundo como tal, mas o relacionamento do homem e da mulher um com o outro e com o mundo” (VIVIANO, 2014, p. 59).

Destarte, utilizaremos o relato da criação a partir da tradição Javista. Nele encontramos, como citado anteriormente, a centralidade da pessoa humana e depara-se nele o pecado de Adão e Eva. Pecado esse que Santo Agostinho vai denominar como

“Pecado Original”.

Silva nos apresenta de forma sucinta as diferenças entre os dois relatos, sendo o primeiro a partir da tradição Sacerdotal e o segundo a partir da tradição Javista. Assim:

Este relato não possui a riqueza de detalhes do primeiro, não traz a ordem da criação em sete dias e não narra a criação de boa parte daquilo que existe no primeiro relato, por exemplo: a criação da Luz, do firmamento, dos luzeiros, dos animais marinhos. Outra diferença é que, no primeiro relato, homem e mulher são criados no sexto dia; enquanto, no segundo relato, o homem é a primeira criatura e a mulher a última. Também no primeiro relato, a terra estava submersa na água, enquanto no segundo relato, a terra está desértica, o que faz com que se imagine o Éden como um “paraíso”, um “oásis no meio do deserto”. No entanto, no que diz respeito à questão do pecado, há algo mais importante: “O universo de Gn 1 é totalmente positivo”. No trecho de Gn1,1-2,4a, não há nenhuma negação... Em Gn 2-3, aparece, pela primeira vez um elemento negativo, a ‘árvore do conhecimento do que seja bom ou mal’ (2015, p. 44).

Deus no primeiro relato da criação é apresentado como transcendente da realidade, já no segundo relato, Deus se mostra com características humanas, anda no paraíso. Iahweh molda o homem a partir da argila encontrada no solo e infiltrando pelas narinas o hálito de vida tornando um ser vivente (cf. Gn 2,7); planta um jardim; cria e modela as demais criaturas; faz a mulher a partir da costela de Adão, simplificando, é um Deus próximo, solidário, amigo. Iahweh é um Deus Criador querendo ser próximo da sua criatura.

Iahweh Deus criou o Éden para que Adão fosse ali morar. “Iahweh tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2, 15). O Senhor Ihe deu um único mandamento; “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer” (Gn, 2, 16, grifo nosso). “Morrer aqui significa ser expulso, cortado da comunhão com Deus” (RICHARD *in* BROWN, 2007, p. 66).

O Senhor viu que não seria bom que o homem vivesse sozinho. Então, decidiu criar um “auxiliar” para Ihe fazer companhia. Neste relato da criação, a mulher é a última a ser criada, quando Deus viu que o homem não tinha

encontrado um auxiliar correspondente. Então Iahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem. Então o homem exclamou: 'Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher', porque foi tirada do homem (Gn 2, 20-23).

A serpente era o animal da criação mais astuto, pergunta a Eva se Deus não dissera que poderiam comer de todas os frutos do jardim; Eva responde que somente não poderiam comer o fruto da árvore que estava no centro do paraíso, pois se o comessem iriam morrer. A serpente argumentou: "Não, não morreréis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal" (Gn 3,5).

Então, Eva pegou o fruto, comeu e deu a Adão; logo que comeram seus olhos se abriram e perceberam que estavam nus e pegaram folhas de figueira e cobriram as suas partes. Logo que seus olhos foram abertos, ouviram os passos de Deus passeando pelo jardim e isso levou Adão e Eva a se esconderem do Senhor. Iahweh chama Adão:

Onde estás? Disse ele. 'Ouvi teu passo no jardim,' respondeu o homem; 'tive medo porque estou nu, e me escondi.' Ele retomou: 'E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então da árvore que te proibi de comer!' O homem respondeu: 'A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!' Iahweh Deus disse à mulher: 'Que fizeste?' E a mulher respondeu: 'A serpente me seduziu e eu comi' (Gn 3,9-13).

A partir desta perícopé podemos observar as consequências da transgressão cometida pelo primeiro casal; algumas delas são: a vergonha, quando percebem que estão nus, representa o sentido profundo da culpa experimentada; o medo, sendo perceptível quando se escondem do Senhor; a dor e a angústia; Deus disse a Eva: "Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos. Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará" (Gn, 3,16).

Agora vai se alimentar durante todos os dias de sua vida, serão produzidos espinhos, fardos e comerás as ervas dos campos e a partir do teu trabalho trará alimento para comer. A serpente foi amaldiçoada como a pior de todos os animais, foi obrigada a rastejar sobre

o seu ventre, a ter de comer o pó da terra.

A consequência mais dura foi o rompimento da relação entre Deus e a humanidade; rompeu-se a solidariedade original entre o homem e a mulher, entre o homem e a terra. A pior ruptura foi entre criatura e criador. Os castigos que o homem e mulher receberam representam que o mal entrou no mundo, e a humanidade que outrora vivia sobre a ordem e agraciada, agora se encontra expulsa do paraíso numa desordem causada pela transgressão do mandamento de lahweh.

O relato bíblico narra a quebra do primeiro mandamento deixado por Deus a Adão. A proibição de comer do fruto proibido, da árvore do conhecimento entre o bem e o mal, a serpente os induziu para se tornarem como deuses, "vós sereis como deuses, versados no bem e no mal" (Gn 3,5). Neste relato aparecem quatro personagens. Deus sendo o criador e legislador, legislador porque foi ele quem deu o primeiro mandamento a Adão; Adão sendo o primeiro ser humano criado; Eva que foi tirada da costela de Adão. Por fim, a serpente foi contra o mandamento de Deus.

Não foi Deus que quis se afastar da criatura, lahweh era próximo da sua criatura, em outras passagens é possível observá-Lo com características humanas; por exemplo Gn 18,1-16, quando o Senhor se apresenta no carvalho de Mambré em forma humana; em Gn 32,23-33, quando Jacó e Deus lutam; e em outras passagens bíblicas. Essa proximidade que Deus queria ter com todos os seres humanos foi quebrado por Adão e Eva pela astúcia da serpente.

A serpente possui uma postura de ser contra Deus, isto é, antideus. A sua função está em desequilibrar, em romper o que Deus fez. Ela aparece sendo oposição da criação. Assim, é possível observar essa oposição quando ela aparece contrapondo a ordem de Deus de não comerem do fruto do conhecimento.

## 1.2 A INTERPRETAÇÃO DO PECADO DE ADÃO EM SÃO PAULO: Rm 5,12-20

São Paulo em Rm 5,12-14 apresenta o tema do pecado de Adão. Adão introduz o pecado no mundo pela desobediência do único mandamento de Deus.

Eis por que, como por meio de um só homem o pecado *entrou no mundo* e, pelo pecado, a morte, assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Pois até à Lei havia pecado no mundo: o pecado, porém, não é levado em conta quando não existe lei. Todavia, a morte imperou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram de modo semelhante à transgressão de Adão, que é figura daquele que devia vir (Rm 5, 12-14, grifo do autor).

São Paulo se preocupa em mostrar a forma que o pecado entrou no mundo e pelo Cristo somos salvos deste pecado. Assim, o principal interesse de Paulo não é falar sobre o pecado ou morte, mas apresentar uma imagem contrastante de Adão e Cristo, figuras proeminentes do início e do fim dos tempos, respectivamente (PILCH *in* BERGANT e KARRIS *org.*, 2014, p.182).

A perícope fundamental para a formulação da doutrina do Pecado Original encontra-se em Rm 5,12-20. Ao longo de toda esta perícope acontece a argumentação em torno da salvação e do pecado cometido por Adão. A partir dela, os santos padres, concílios e teólogos puderam formular a doutrina do Pecado Original, como por exemplo no Concílio de Trento (1545) formularam, na Sessão V, o decreto sobre o dogma do Pecado Original.

Dando continuidade na perícope referida, São Paulo afirma que, pela transgressão de Adão, o pecado interferiu em toda a natureza humana, pois,

assim como pela falta de um só resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça de um só, resultou para todos os homens justificação que traz a vida. De modo que, como pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos (Rm 5, 18-19).

No pensamento paulino, a figura de Adão fica evidente que por ele o pecado entrou no mundo, é o símbolo da desordem é o princípio de condenação. Já Jesus Cristo trouxe a salvação e a ordem. Assim, pelo pecado de Adão a morte entrou no mundo, não somente a morte do corpo, mas a morte do homem como um todo.

A morte a que Paulo se refere não é apenas a morte física, natural, corrupção do corpo, mas a morte do homem todo; essa morte que entra no mundo junto com o pecado é uma pena do mesmo pecado, cometido pelo primeiro homem. Assim, Paulo confirma que a condição humana anterior ao pecado era uma condição que não conhecia a corrupção; após o pecado, o homem deixará escapar-lhe aquilo que o aproximava de Deus, tornando-se mortal(SILVA, 2015, p.51).

A prevaricação de Adão não marcou somente a ele, mas todas as gerações posteriores a ele foram manchadas pelo pecado cometido. Assim

manchado pelo pecado de desobediência, transmitiu somente a morte e as punições do corpo a todo o gênero humano [segundo a lei comum], mas não o pecado, que é a morte da alma, seja anátema, uma vez que está em contradição com o apóstolo que diz: 'por um só homem o pecado entrou no mundo, e pelo pecado, a morte e assim a morte atingiu todos os homens, naquele em que todos pecaram' [...] foi então a morte que passou para todos os homens (SESBOÛÉ dir. 2013, p. 205, grifo do autor).

Desse modo, por mais que o Apóstolo Paulo não desenvolva uma doutrina sobre o pecado cometido por Adão e Eva, acabou apresentando de maneira clara as consequências que ocorreram devido à transgressão que o primeiro casal cometeu. Porém, São Paulo apresenta a eficácia da graça<sup>2</sup> de Cristo sobre a transgressão cometida por eles, possibilitando assim, a formulação da doutrina do Pecado Original.

## 2. APONTAMENTOS DO PECADO ORIGINAL NO PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO

Para Dalbom, antes do pecado veio a soberba, isto é, encher-se de soberba é encher-se do desejo de conquistar uma posição que não lhe convém, sendo a humildade

---

2 "As palavras bíblicas traduzidas por "graça" são *hên* (heb.) e *charis* (gr.). Nenhuma traz consigo, porém, o sentido comum da palavra "graça", como o conhecemos, que implica virtude pessoal. Indicam, pelo contrário, uma relação objetiva de favor imerecido conferido por alguém superior a outro inferior, que, no caso da graça de Deus para com a pessoa humana está ligado às ideias de pacto\* e de escolha [...]. O real sentido da palavra abrange a liberdade da graça. Ela é totalmente imerecida, não evocada por disposição da criatura" (FERGUSON, 2009, p. 468-469).



a oposição da soberba. Quem é soberbo não se satisfaz com aquilo que possui, é uma pessoa cheia de si, movida pelo orgulho e acaba sendo perversa.

Dalbom faz uma citação indireta de São Tomás de Aquino para explicar o que seria a vontade:

Tomás de Aquino diz que vontade é o princípio próprio do pecado, ou seja, a vontade move o agente (o homem) para o ato do pecado. Portanto, o pecado é um ato, e é um ato voluntário disparado pela vontade. Vontade esta movida pelo desejo a algo percebido externamente, que move a vontade humana interna a inclinar-se ao querer algo, e agir. Sendo, pois, a vontade humana a causa direta do ato de seu pecado (DALBOM, 2017, p. 27).

Assim, o Pecado Original seria uma má vontade que levou Adão ao ato de pecar. Eva, por meio da fala da serpente, encheu-se de soberba, não satisfeita com aquilo que tinha, ouviu a serpente dizer se comesse o fruto, ela e Adão seriam como deuses. A soberba está em querer ser como Deus, ser Senhor, superior e Criador.

Foi no seu íntimo que começaram a ser maus para logo caírem em ostensiva desobediência. De fato, não se chega ao ato mau sem que a vontade má o tenha precedido. Ora qual pode ser o começo da vontade má senão a soberba? Efetivamente, “o orgulho é o começo de todo o pecado (Ecles. 10,15)”. Mas que é a soberba senão o desejo de uma falsa grandeza? A grandeza perversa está, na verdade, em abandonar o princípio ao qual a alma se deve unir para se tornar de certo modo seu princípio. Isso se realiza quando ela se compraz demasiadamente em si própria. E, de fato, compraz-se em si própria quando se afasta daquele imutável bem que devia agradecer-lhe mais do que ela própria a si mesma. [...] o mal, a transgressão em comer do alimento proibido, não se realizou senão por comerem-no quando já eram maus (AGOSTINHO apud DALBOM, 2017, p. 26-27).

Para compreendermos melhor o pensamento de Santo Agostinho a respeito do Pecado Original, se faz necessário explicitar de maneira breve estas duas heresias: maniqueísmo<sup>3</sup> e o pelagianismo<sup>4</sup>.

Os maniqueístas defendiam que o problema do mal era uma substância<sup>5</sup> que afetava a natureza humana. “Agostinho vem responder à tese maniqueísta com a defesa de que a origem do mal se encontra no livre arbítrio, o que pressupõe, assim, a necessária bondade de toda a natureza, principalmente a humana” (MARQUES, 2014, p. 31-32).

Por outro lado, o pelagianismo defendia que o homem foi criado com uma natureza mortal, e a transgressão cometida por Adão para com o mandamento de Deus afetou somente ele, não transmitindo para os seus descendentes. Com isso, a morte do corpo não é uma consequência do pecado cometido por Adão no paraíso, é uma realidade contida na natureza humana dada por Deus desde a criação.

O bispo de Hipona cita Pelágio no seu livro *A Graça I*. “Esta enfermidade não foi

3 “Considerado outrora como uma forma cristianizada de zoroastrismo, o maniqueísmo é atualmente aceito, de modo geral, como uma das últimas e mais completas manifestações de gnosticismo. O movimento foi fundado pelo siro-persa Mani (216-276), que fora criado sob influência de uma seita judaico-cristã no sul da Babilônia e que depois se rebelou contra ela. A *gnôsis* dos maniqueístas incorpora um drama cósmico complexo, que se centra em uma batalha primordial entre os princípios originários da Luz e das Trevas” (FERGUSON, 2009, p. 644).

4 Foi uma corrente doutrinária do movimento ascético\* ocidental no século V, da qual Pelágio é comumente considerado como fonte principal. Sua perspectiva teológica se caracterizava por: insistência sobre a suficiência da natureza humana, não enfraquecida essencialmente pela queda\*de Adão, para cumprir a vontade de Deus; a negação do pecado original\* transmitido como culpa\* ou corrupção, desde Adão\*, a toda a humanidade; as expectativas morais e espirituais mais elevadas do cristão batizado, capaz de uma vida de perfeita santidade, porque Deus assim determina; um entendimento todos dons da graça, que, para o pelagianismo, excluiríamos, na melhor das hipóteses, minimizariam drasticamente o poder da capacidade humana, sem a obra interior do qual nada se poderia fazer de aceitável a Deus. O movimento pelagiano não foi, na verdade, uniforme, tampouco unido tão somente pela inspiração de Pelágio. Não obstante, a denominação permaneceu, sendo, ainda hoje, frequente e amplamente empregada para condenar qualquer doutrina que, em princípio, pareça ameaçar a primazia da graça, da fé e da regeneração espiritual sobre a capacidade, as boas obras e o empenho moral humanos. (FERGUSON, 2009, p. 783)

5 É a palavra mais comumente usada na teologia cristã para denotar a realidade objetiva do ser único de Deus. Em sentido restrito, deriva do latim *substantia*, equivalente à palavra grega *hypostasis*, que significa “uma realidade objetiva capaz de agir” (FERGUSON, 2009, p. 943).

contraída pelo pecado, o que impede de se dizer que o castigo do pecado foi a comissão de muitos pecados” (AGOSTINHO, 1998, p. 132). Isto é, para o pelagianismo, o pecado entrou no mundo não pela transgressão de Adão, pois, se fosse este o motivo, Deus seria injusto ao deixar o restante da humanidade pagar pelas consequências: a morte, a enfermidade, não estar na graça do Criador; cometidas pelo primeiro homem. Para Pelágio “Os seus descendentes não são somente mais fracos do que ele, mas também cumpriram muitos preceitos, ao passo que ele negou o cumprimento de um só preceito” (AGOSTINHO, 1998, p. 133).

Para o bispo, o Pecado Original é o pecado de Adão em Gn 2, 4b-19 e em Rm 5,12ss. Agostinho afirma que todos os homens por meio de Adão estão implicados pelo pecado cometido pelo primeiro casal, assim, todos receberam o pecado por meio da geração, não pela imitação de pecar.

Cáí em Adão, fui expulso do paraíso em Adão, morri em Adão. Deus não me ressuscitará, se não me encontrar, por um lado, sujeito a culpa e destinado à morte em Adão, e justificado em Cristo [...] todos nós, homens, nascemos no pecado, nossa própria origem está na culpa, conforme lemos no dizer de Davi: Eis que nasci na culpa, e minha mãe concebeu-me no pecado (Sl 51,7). Por isso a carne de Paulo é corpo de morte, conforme suas próprias palavras: Quem me libertará desde corpo de Morte? (Rm 7,24) (AGOSTINHO, 1998, p. 315-316, grifo do autor)

Desse modo, o pecado de Adão para Santo Agostinho implica que toda a humanidade está em pecado devido a transferência de geração em geração, assim todos necessitam da Salvação de Cristo.

Portanto, os que em Adão encontraram a morte, por isso Cristo os beneficia, porque é mediador para a vida. Não mediador pelo fato de ser igual ao Pai, visto que sob esse aspecto dista tanto de nós quanto do Pai. E como pode haver mediação havendo tanta distância? Por isso o Apóstolo não disse: Um só mediador entre Deus e os homens: Cristo Jesus, mas o homem Cristo Jesus (1Tm 2,5). É mediador, porque é homem: inferior ao Pai por estar mais próximo de nós, superior a nós por estar mais próximo de Deus. Isso mesmo se expressa mais claramente deste modo: inferior ao Pai na forma de servo; superior a nós,

porque é livre da mancha do pecado (AGOSTINHO, 1998, p. 299, grifo do autor).

Os homens perderam a graça de Deus, têm a morte corporal e espiritual, sendo uma consequência do pecado de Adão. Logo, o ser humano vive em estado de concupiscência, isto é, sempre está cobiçando e à procura dos prazeres sexuais. Todos os homens até Cristo estão em estado de pecado, por fim, somente pela graça de Cristo os seres humanos são libertos do Pecado Original.

Hill resume o pensamento de Agostinho desta forma:

o ser humano herda três coisas do pecado de Adão: a culpa (porque todos pecaram nele); a concupiscência (como a corrupção da natureza); e a morte (porque a graça foi perdida). Somente a graça de Cristo no batismo pode tirar a culpa e levar para a vida eterna. A concupiscência permanece na natureza depois do batismo, mas com a renovação da pessoa na vida da graça, pouco a pouco será transformada até a regeneração final da ressurreição. Durante o debate contra os pelagianos, Agostinho desenvolve sua posição, mas não muda seus pontos básicos (2014, p. 29).

Não podemos falar de pecado original sem dizer que há perdão. Cristo, o mediador, o Verbo encarnado que viveu em tudo como ser humano exceto o pecado livrou o ser humano do pecado, pelo seu sangue. Assim, "a graça não é, pois, a possibilidade de não pecar, possibilidade recebida do Criador com o livre-arbítrio; não é apenas a ajuda que constitui a revelação de uma lei, ela não é apenas a remissão dos pecados, mas a ajuda necessária para não os cometer" (SESBOÛÉ *dir*, 2013, p. 248). Não basta receber a graça de Deus se não as colocamos em prática, isto é, no hábito de utilizar de boas ações, estaremos agindo de acordo com a graça e o bem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto ao longo deste artigo, pode-se concluir que pela sedução da serpente, a vontade, ganância de Adão e Eva de serem como deuses, o pecado entrou no mundo. O pecado foi transmitindo de geração em geração até chegar em Jesus Cristo que não teve a marca do Pecado Original. No paralelo feito por São Paulo em Rm 5,12ss

entre Adão e Jesus Cristo, fica claro que Cristo veio para restaurar a graça perdida pelo primeiro casal. Agostinho teve uma árdua tarefa de contrapor as heresias que diziam não haver Pecado Original, não foi passado de geração em geração. Para estas correntes heréticas, a morte entrou no mundo porque Deus criou os homens como seres mortais, o mal era uma substância na natureza humana. Agostinho por sua vez, retoma os estudos nos dois principais relatos que tratam do pecado de Adão nas perícopes que utilizamos neste artigo. O bispo de Hipona formula um tratado sobre o Pecado Original e a Graça, rebatendo principalmente o pelagianismo. Tratado esse que fora utilizado nos concílios posteriores até o concílio de Trento para a formulação do dogma de fé do Pecado Original.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo Bispo de Hipona. *A Graça I*. Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Patrística).

ALBERIGO, Giuseppe (org). *História dos concílios ecumênicos*. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995.

BENTO XVI, Papa. *São Paulo (15): Adão e Cristo: do pecado (original) à liberdade*. Audiência Geral 03 de dezembro de 2008. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20081203.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081203.html). Acesso em 23/04/2020

BÍBLIA DE JERUSALEM, 7ª impressão. São Paulo: Paulus 2011.

BROWN, Raymond, FITZMYER, Joseph A., MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Tradução Celso Eronides Fernandes. - São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, Paulus, 2007.

DALBOM, Lucas Rodrigues. *As consequências antropológicas do pecado original segundo Santo Agostinho [livro eletrônico]: um estudo baseado na obra "A Cidade de Deus"*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2017. (Coleção E.books FAPCOM).

FERGUSON, Sinclair B. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias: séculos I-VII: conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995.

GROSSI, V. e SESBOÛÉ. *Graça e justificação: do testemunho da Escritura ao fim da Idade Média*. In: SESBOÛÉ, Bernard (dir). *História dos Dogmas Tomo 2: o Homem e sua Salvação*. Tradução: Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013.

HILBERATH, Bernd Jochen. In: SCHNEIDER, Teodor(org). *Manual de Dogmática*. Tradutores: Ison Kayser Luís Marcos, Walter Schlupp. Petrópolis-RJ; Vozes, 2012, 5ª ed.

HILL, Joseph Murray. *A doutrina do pecado original à luz da teoria da evolução em Teilhard de Chardin e Karl Rahner*. 2014. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. 2014.

LA PEÑA, Juan Luis Ruiz. *Criação, Graça, Salvação*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

LADARIA, Luis F. *Introdução à antropologia Teológica*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998.

LADARIA, Luis F. *Teologia del pecado original y de la gracia*. Biblioteca de autores Cristianos, Madrid, 1993.

MARCOLINO, Reginaldo. *O mistério da Encarnação na reflexão teológica de Luís F. Ladaria*. Mestrado em Teologia com concentração em Dogma. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

MOSER, Antonio. *O pecado: do descredito ao aprofundamento*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

PILCH, John J. *Romanos*. In: BERGANT, Dianne e KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*. Tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2014, 8ª ed. v. III p. 182-192.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. Tradução Alberto Costa. São Paulo, 1989.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da filosofia: patrística e escolástica*, v. 2. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989. Cap. XVI. 58.

SILVA, Dayvid da. *O pecado original: raízes histórico-teológicas de uma controvérsia*. In Revista de cultura teológica – v. 17- n. 66- Jan/mar 2009.

SILVA, Dayvid da. *Pecado Original: uma herança agostiniana? O tema da "falta das origens" e suas consequências*. Mestrado em Teologia Sistemática. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

THÉVENOT, Xavier. *O pecado: o que dizer?*. Tradução Marli Berg. São Paulo: Paulinas, 1993. Cap. II, p. 27-55.